

XII COMPÓS - Recife, junho de 2003

GT Mídia e Recepção

Relato crítico do texto “O estudo dos efeitos em comunicação na perspectiva da estética da recepção”, de Máгда Rodrigues da Cunha

Relator: Fabrício Silveira (UNISINOS - RS)

Diante da listagem dos aprovados para este encontro, o texto da professora Máгда Cunha nos despertara uma curiosidade e um interesse especiais. Primeiro, por propor nominalmente uma abordagem panorâmico-exegética - assim foi suposto - dos estudos mais emblemáticos e/ou mais representativos da Estética da Recepção. Por certo, teríamos ali oportunidade para nos familiarizarmos com tal proposição teórica. Além disso, pareceu-nos curioso, logo provocativo, por destacar a temática dos ‘efeitos’ em meio à discussão de Jauss e *cia*. Costurar tais enquadramentos de trabalho - de um lado, a clássica tematização dos ‘efeitos’, tão marcante no interior das sociologias funcionalistas da Comunicação, por exemplo; de outro, o viés literário da Estética da Recepção - pareceu-nos, no mais tenro momento de leitura da relação dos selecionados, um esforço louvável e digno de atenção. Seriam tantos e tão promissores os veios abertos para o debate! O entendimento da recepção (das permeações sócio-culturais da recepção) associando-se estritamente à polêmica condição de ‘efeitos’ (mais ou menos determinados, mais ou menos previsíveis e ‘administráveis’, etc), a apropriação de grades e instrumentos analíticos da área da Literatura e sua respectiva conversão/adequação às especificidades dos objetos comunicacionais seriam apenas alguns dos tópicos que certamente se colocariam na mesa. Assim nos pareceu naquele primeiro (e altamente falível, diga-se) impressionamento diante dos conteúdos e das matérias que aqui discutiríamos.

Tendo lido o texto - “O estudo dos efeitos em comunicação na perspectiva da estética da recepção” -, algo se mantém daquelas suspeitas iniciais. Entretanto, como não poderia deixar de ser, a leitura do artigo nos jogou em outras tantas reflexões/percepções. Ou melhor: nos deparamos com formulações tão arriscadas e comprometedoras quanto necessárias e oportunas. Todas elas surpreendentes.

...

Na intenção de estabelecer um diálogo produtivo com o artigo, tentando ainda colocar questões que, porventura, possam repercutir também sobre os outros trabalhos aqui expostos, e, sobretudo, talvez inevitavelmente (afinal os olhares são sempre parciais e interessados), procurando ler o texto no confronto com indagações pertinentes à atualidade de um percurso pessoal de investigação, gostaria de justificar minha fala, o lugar ocupado por mim nesse diálogo, afirmando inicialmente uma cobrança trivial (trivial diante do acúmulo de tentativas de ‘adaptação’ da Estética da Recepção ao campo de estudo das mídias).

No texto, tal como sentimos, parecem faltar maiores considerações e maiores cuidados no que diz respeito à construção de ajustes *em detalhe* - ‘ajustes finos’, poderíamos dizer - na apropriação da Estética da Recepção à análise de objetos/produtos/fenômenos comunicacionais. Como transportar procedimentos analíticos e instrumentos conceituais do universo literário (onde estipula-se a ‘excelência estético-artística’, onde se fala em ‘obras primas’, em ‘genialidade-talento’ criativo e diferenciador; enfim, onde ganham lastro categorias de virtuosa solidez, fundadas em acabamentos dados por critérios de valor, seja estético, histórico ou formal) para o universo do massivo (um mundo de ‘fluidez’ maiores, onde os critérios de julgamento são os critérios sempre insondáveis - e muito mais questionáveis, vale reconhecer - do apelo público e/ou do sucesso mercadológico, onde há produtos menos ‘autorais’ e ‘únicos’, onde temos condições menos ‘nobres’ ou assépticas de uso/fruição dos ‘produtos culturais’ - ou, aqui, apenas hipoteticamente ‘culturais’ -)? Como adequar uma preocupação com a atualidade (própria dos meios de comunicação, imersos em largos presentes históricos) à historicidade (ou ao historicismo) que parece intrínseco à Estética da Recepção? Como equiparar o ‘ato de leitura’ ao ato da assistência/exposição aos meios? Até que ponto categorias como as de ‘leitor’ e ‘espectador’ (ou seus correlatos: ‘ouvintes’, ‘telespectadores’, etc) são categorias afins ou ‘correlacionáveis’? Não seria fundamental inclusive apontar e problematizar (extraindo daí boas conseqüências críticas) os pontos exatos em que elas *não* se afinam? Uma elaboração de veia e cunho hermenêutico, como a Estética da Recepção, é adequada e suficiente para pensarmos a ‘hermenêutica fraca’ própria dos meios de comunicação? Dito de forma mais clara: a lógica dos valores (ou da valoração), das obras e dos apelos

arrazoados (próprios do universo letrado) serve sem ajustes ao universo midiático, onde a ‘dimensão estetizante da performance’, a evanescência de conteúdos (e de quase tudo que exige esforço concentrado, racionalização excessiva, atenção/fixação narrativa, etc) são peculiaridades determinantes e definidoras? Cabem expectativas racionalizadoras (e então hermenêuticas) no mundo tão pouco racionalizador, tão lúdico e tão desbragadamente carnavalesco da comunicação massiva? E ainda: em detalhe, o que há de semelhanças (e logo de simetrias) e de diferenças (e de assimetrias; igualmente problematizáveis, agora por oposição) entre livros (o suporte material da escrita e da literatura) e mídias massivas (os modernos instrumentos técnicos da comunicação midiática), no que diz respeito às relações frutivas, às situações de uso, às repercussões e aos trânsitos públicos em que se inserem, aos impactos sensório-vivenciais que deflagram?

Flagrando-se em terreno delicado, o texto de Magda Cunha então assume, compulsoriamente, riscos colocados por uma ‘grade paradigmática’ (caso possamos empregar o termo!) mais ampla e por um conjunto mais volumoso de trabalhos. Portanto, os esclarecimentos solicitados e as objeções porventura formuladas se dirigem também àquela *racionalidade genérica* (entendida como um certo conjunto tendencialmente homogêneo de procedimentos adotados, de escolhas metodológicas realizadas e ainda como um grupo de conceitos e noções teóricas de natureza, aplicabilidade e alcance explicativo aproximados - ou *aproximáveis* em boa medida) que o texto, no caso específico, representa e modeliza. Como tal, as questões colocadas acima são implicações ‘quase naturais’ - atribuímos já a elas alguma trivialidade - das escolhas feitas e dos objetivos que se querem cumprir. São portanto enfrentamentos esperados e habituais, diante dos quais, com certeza, os interessados vêm amadurecendo (ou têm amadurecidas) as respostas condizentes. Apesar disso - ou talvez justamente por isso -, pareceu-nos oportuno principiar o relato crítico solicitando reações maiores e explanações mais pacientes quanto às especificidades comunicacionais diante de aportes literários (como é aqui o caso).

...

De modo mais específico, a argumentação da autora parece oscilar entre dois campos, parece fazer continuamente dois movimentos. De um lado, corre em torno (ou atrás) da Estética da Recepção, mostrando aliás bom domínio do jargão e dos principais marcos teóricos do trabalho de Jauss. As sete teses que fundamentam tal proposta são bem

apresentadas, as idéias de ‘fusão de horizontes’, ‘efeitos’, ‘saberes prévios’, ‘história efetual’, ‘horizonte de expectativas’ etc percorrem todo o texto. Neste momento, como única ressalva apontamos o tom comedido e excessivamente ‘bem-comportado’ da exposição que faz do autor, sem opor-lhe maiores resistências, seja de ordem crítico-teórica (confrontando-o com outras teorizações circunvizinhas, interpondo ‘leituras problematizadoras’), seja mesmo de ordem empírica (quando o chamamento aos materiais comunicacionais certamente ajudaria na construção de boas e produtivas ‘tensões’). Apontamos também o fato de que Jauss parece vir à tona mais pela boca de seus comentadores (Bordini, Aguiar e Zilberman, principalmente) do que pela consulta direta a falas e escritos originais.

De outro lado, num segundo movimento, o texto ‘força’ ou ‘procura’ uma abordagem comunicacional *stricto sensu*. Aqui, ancora-se em autores como Mattelart, Morin, McLuhan e Lévy. Ou seja: o marco comunicacional compõe-se através de panoramas epistêmicos, no caso dos dois primeiros, ou de abordagens relativas ao impacto das técnicas e à materialidade das mídias, no caso dos dois últimos. Torna-se um tanto evidente uma permanente oscilação na argumentação, decorrente talvez da ausência de claras e bem anunciadas âncoras/problematizações empíricas. Por vezes, o rádio parece insinuar-se como objeto mais aplicado de análises; ao final, até mesmo a televisão - o JN - é lançado como objeto singular de sistematizações. Sendo assim, seria apropriado recebermos notícias quanto à presença e à função deste texto específico em contextos mais amplos e em processualidades mais largas de pesquisa (aos quais ele parece remeter).

Resta enfim ao leitor a impressão de que estes dois movimentos referidos acima, através dos quais o texto é tecido, não se afinam totalmente, de que não são organicamente dispostos ou de que não convergem, integrada e completamente, para um mesmo alvo, concreto e passível de operacionalização. Sente-se também a ausência de maiores granulações analíticas, da construção mais pacienciosa das ‘passagens’ entre os momentos (ou planos) da argumentação. Como se fossem realmente necessárias maiores minúcias na costura dos campos disciplinares cobertos e atravessados pelo artigo. De tal sorte que, por vezes, dois textos diversos parecem correr em paralelo.

...

Para finalizar duas questões pontuais. 1) Como individualizar o processo de recepção sem individualizar a figura do leitor, o agente empírico de tal processo (como dito na pág. 04)? 2) Cunha parece-nos fazer ainda outra inversão: quer pensar a recepção como acolhida sociológica não de um produto (ou de um conteúdo) textual-midiático, mas de um suporte técnico, de uma tecnologia midiática (o rádio). Neste sentido, é interessante reparar no modo como, subitamente, autores como Castells e McLuhan (centrados na técnica) tornam-se relevantes para a discussão. Ou seja: a autora tenta adequar uma formulação teórica de ordem hermenêutica a um problema de ordem sócio-histórica. Isto agrava-se justamente por carecer de uma melhor construção do problema enquanto problema técnico-empírico. Confundindo *suporte* e *substância*, a autora foca as materialidades midiáticas mas rende homenagens à hermenêutica.

...

As considerações feitas, as objeções levantadas só são possíveis devido à gravidade e à importância das questões enfrentadas pelo artigo. Temáticas nobres, a Estética da Recepção, a noção de ‘efeitos’ e as técnicas midiáticas encontram-se à espera de exercícios interpretativos como este realizado pela profa. Magda Cunha. Apesar de nossas limitações, dificuldades de entendimento e/ou vícios interpretativos, esperamos ter contribuído para que este debate possa avançar.

Porto Alegre, 29 de abril de 2003.